

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA
CAMPUS SÃO BERNARDO
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS - SOCIOLOGIA

MARIA DOS MILAGRES PONTES MENESES

RELIGIÃO E CIVILIZAÇÃO NA OBRA DE CHRISTOPHER DAWSON

SÃO BERNARDO – MA
2021

MARIA DOS MILAGRES PONTES MENESES

RELIGIÃO E CIVILIZAÇÃO NA OBRA DE CHRISTOPHER DAWSON

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Ciências Humanas – Sociologia, da Universidade Federal do Maranhão, Campus de São Bernardo, para obtenção do grau de Licenciado em Ciências Humanas - Sociologia.

Orientador: Prof^o Dr^a Alina Silva Sousa de Miranda

São Bernardo – MA

2021

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

MENESES, MARIA DOS MILAGRES PONTES.
RELIGIÃO E CIVILIZAÇÃO NA OBRA DE CHRISTOPHER DAWSON /
MARIA DOS MILAGRES PONTES MENESES. - 2020.
40 f.

Orientador(a): Alina Silva Sousa de Miranda.
Monografia (Graduação) - Curso de Ciências Humanas -
Sociologia, Universidade Federal do Maranhão, SÃO
BERNARDO, 2020.

1. Cristandade. 2. Cristianismo. 3. Ocidente. 4.
Religião. 5. Secularização. I. Silva Sousa de Miranda,
Alina. II. Título.

RELIGIÃO E CIVILIZAÇÃO NA OBRA DE CHRISTOPHER DAWSON

MARIA DOS MILAGRES PONTES MENESES

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Ciências Humanas – Sociologia, da Universidade Federal do Maranhão, Campus de São Bernardo, para obtenção do grau de Licenciado em Ciências Humanas - Sociologia.

Orientadora: Prof^o Dr^a Alina Silva Sousa de Miranda

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Orientador: Prof^o Dr^a Alina Silva Sousa de Miranda - UFMA
(Orientadora)

Prof. Dr. Tedson Mayckell Braga Teixeira (1^o Examinador)

Prof Wandelson Silva de Miranda (2^o Examinador)

Os que confiam no Senhor serão como o monte Sião, que não se abala, mas permanece para sempre (SALMOS 151:1)

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus pelo privilégio que Ele me deu de poder me formar pela universidade Federal do Maranhão, pela força de enfrentar meus desafios internos e externos, é uma honra e um privilégio fazer parte dessa grande família que é a Universidade Federal pública. Gostaria de agradecer ao meu esposo que sempre me apoiou, teve que suportar meus surtos, minhas crises de choro por achar que eu não seria capaz de passar pela universidade com êxito. Agradeço a ele por aceitar minha ausência muitas vezes a noite inteira, por ter tido a paciência em ir me deixar e ir me buscar na universidade, por ter cuidado do nosso filho enquanto eu me dividia entre estudos, trabalho, casa, estágio. Agradeço ao meu filho que foi minha força nos dias difíceis, agradeço à minha sogra que me ajudou tanto nesse processo, fazendo algumas vezes meu almoço, cuidando do meu filho e me dando a maior força. Agradeço à minha mãe, que também me apoiou, que disse várias vezes ter orgulho de mim.

Não poderia deixar de agradecer a cada professor (a) que foram parte importante deste processo de formação, sem cada um deles(as) eu não teria chegado até aqui. E um agradecimento especial à minha professora orientadora Alina Miranda, que acreditou no meu potencial, que me ensinou tanto, inclusive a tomar gosto pela leitura, a interpretar texto, a viajar na leitura, ela foi minha inspiração para continuar com a escrita da minha monografia, com seu jeito sempre doce, com uma voz tão calma que muitas vezes me passou segurança.

Confesso que não foi fácil chegar até aqui e não pretendo parar por aqui, o caminho foi árduo, noites sem dormir, fiquei sem tempo para minha família, fui motivo de riso para alguns colegas por talvez não me igualar a eles no que se refere à inteligência, contudo, dei sempre o meu melhor, algumas vezes fracassei, mas tentei sempre entregar as minhas atividades no prazo, embora isso me custasse minha noite de sono. Tive crises de ansiedade por ter que dar conta de tanta coisa, tinha que estudar, trabalhar, cuidar de minha casa e família, tentei várias bolsas pela UFMA, mas as respostas sempre foram não, então eu tinha que trabalhar para ajudar no sustento de minha família, tive que trabalhar até em casa de família para não lhes deixar faltar nada. Mas tudo isso foi necessário para meu amadurecimento.

Agradeço à Universidade Federal do Maranhão por abrir as portas e darem oportunidades para pessoas como eu, que sempre estudou em escolas públicas, algumas escolas com ensino de qualidade e outras nem tanto, sou grata à universidade Federal do Maranhão pois através dela se abriram muitas portas profissionais para mim.

Agradeço aos meus amigos de curso que compartilharam dessa luta comigo, agradeço a um amigo de trabalho que sempre me apoiou, me deu força, me emprestou livros, que sempre me ajudou, sou muito grata a ele por tudo.

Agradeço aos professores coordenadores, supervisores docentes e técnicos de estágio, por todo aprendizado, pela paciência, pelas instituições e exemplos de como ser um bom professor, esta profissão tão digna de tamanha importância. Agradeço às escolas concedentes por abrir um espaço para estagiarmos.

RESUMO

Diante das múltiplas religiões que existem hoje pelo mundo e visando um maior esclarecimento sobre religiosidade, quebrando os tabus acerca do preconceito voltados a ela, especificamente entre o cristianismo e o protestantismo, pretendemos de forma objetiva e esclarecida mostrar a importância da religiosidade a partir da obra de Christopher Dawson. Este tema possui grande relevância, uma vez que está presente em todas as esferas da vida social do indivíduo, queira ele ou não. É importante se estudar religião para entender de que maneira a mesma contribuiu e contribui, seja de forma moral, seja no vestir, no comer, no sentir ou no agir, direta ou indiretamente. Para tal, no primeiro momento desse trabalho traçaremos uma breve história da religião, de maneira a demonstrar de que formas todos os elementos da religiosidade e mais especialmente da cristandade estiveram presentes e foram fundamentais para a formação do que hoje chamamos ocidente. Dentro desse aspecto, propusemo-nos a analisar as obras de Dawson (2010), Castoldi (2014) e Febvre (2004). Autores esses que nos indicam o movimento da cristandade no decurso do tempo e de como ela foi extremamente necessária a formação de uma civilização tal qual a temos hoje. O segundo momento de nosso trabalho, discorreremos a respeito das contribuições que o Iluminismo trouxe para o que Dawson irá chamar de secularização da cultura, para que logo em seguida possamos compreendê-la na sessão seguinte, onde Dawson (2010) juntamente com outros autores, tal qual Berger (2017) elucida os problemas relacionados a secularização da religiosidade, ou seja, de que forma o “excesso” de racionalização do mundo faz com que as experiências sacras dos indivíduos sejam secularizadas. Por fim ao final de nossas discussões a respeito da religiosidade e civilização para Dawson (2010), onde o autor prossegue seus argumentos tecendo críticas a não valorização dos aspectos religiosos e sagrados para a sociedade contemporânea

PALAVRAS-CHAVE: Religião. Cristianismo. Cristandade. Ocidente. Secularização.

ABSTRACT

In view of the multiple religions that exist today around the world and aiming at a greater clarification on religiosity, breaking the taboos about prejudice towards it, specifically between Christianity and Protestantism, we intend in an objective and clarified way to show the importance of religiosity from the work Christopher Dawson. This theme has great relevance, since it is present in all spheres of the individual's social life, whether he likes it or not. It is important to study religion to understand how it has contributed and contributes, whether in a moral way, whether in dressing, eating, feeling or acting, directly or indirectly. To this end, in the first moment of this work, we will trace a brief history of religion, in order to demonstrate in what ways all the elements of religiosity and more especially of Christendom were present and were fundamental to the formation of what we now call the West. Within this aspect, we set out to analyze the works of Dawson (2010), Castoldi (2014) and Febvre (2004). Authors who indicate the movement of Christianity in the course of time and how it was extremely necessary to form a civilization as we have it today. The second moment of our work, we talked about the contributions that the Enlightenment brought to what Dawson will call secularization of culture, so that soon we can understand it in the next session, where Dawson (2010) together with other authors, just as Berger (2017) elucidates the problems related to secularization of religiosity, that is, how the "excess" of rationalization in the world causes the sacred experiences of individuals to be secularized. Finally, at the end of our discussions about religiosity and civilization for Dawson (2010), where the author continues his arguments by criticizing the non-appreciation of religious and sacred aspects for contemporary Society

KEYWORDS: Religion. Christianity. Christianity. Western. Secularization

SUMÁRIO

1-INTRODUÇÃO	11
2-DESECULARIZANDO A CULTURA.....	13
2.1- Uma breve história da religião	17
3-CONTRIBUIÇÕES DO ILUMINISMO PARA A SECULARIZAÇÃO	22
3.1- O problema da secularização	23
4- OS ELEMENTOS SECULARIZANTES NA OBRA DE CHRISTOPHER DAWSON ...	28
CONCLUSÃO	37
REFERENCIAS	39

1- INTRODUÇÃO

Diante das múltiplas religiões que existem hoje pelo mundo e visando um maior esclarecimento sobre religiosidade, quebrando os tabus acerca do preconceito voltados a ela, especificamente entre o cristianismo e o protestantismo, pretendemos de forma objetiva e esclarecida mostrar a importância da religiosidade a partir da obra de Christopher Dawson

A escolha desse tema se dá pois trata-se de um tema polêmico, que poucos se propuseram a estudar. Pretendo apresentar de forma analítica e qualitativa os preconceitos por trás da religião, as opressões sofridas, as contribuições dos elementos religiosos para formação da cultura ocidental.

Este tema possui grande relevância, uma vez que está presente em todas as esferas da vida social do indivíduo, queira ele ou não. É importante se estudar religião para entender de que maneira a mesma contribuiu e contribui, seja de forma moral, seja no vestir, no comer, no sentir ou no agir, direta ou indiretamente.

Este tema deve ser investigado para que seja obtido informações desmistificando assim as falsas informações acerca da religiosidade, seja sobre o cristianismo ou protestantismo. Pretendemos com este trabalho analisar e descrever as contribuições da religião para a formação da cultura ocidental. E mostrar de que maneira e em que aspecto o protestantismo surgiu na sociedade a partir do cristianismo, e em que momento.

Dessa forma, apresentaremos teorias históricas elementares sobre a religião, discutindo o problema da intolerância religiosa e analisar a influência e contribuição do cristianismo na formação da cultura ocidental, definindo o fenômeno religioso na visão dos autores que aqui serão apresentados, analisar e descrever de que forma o cristianismo influenciou na educação, cultura e política na Idade Média.

Os autores aqui apresentados têm algo em comum, que é o contexto histórico em aconteceram, espacialmente o período que ficou conhecido como a idade das trevas. Quando surgiu o cristianismo que ficou conhecido como a idade das trevas onde a racionalidade deu lugar ao ilusório e até supersticioso cristianismo.

Para a realização deste artigo, foi realizada uma pesquisa bibliográfica que partindo do pensamento de (ANDRADE, 2000, p. 109) que identifica a pesquisa como sendo um “procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos

problemas que são postos”. A partir disso, foram levantados materiais como artigos, e obras literárias que versam a respeito de nosso problema em questão.

Tal pesquisa foi feita nos moldes de uma pesquisa descritiva, que é a pesquisa que objetiva observar o problema e dissertar sobre eles, sem que, no entanto, o pesquisador interfira no campo social pesquisado.

Utilizamos para comprovar a nossa hipótese inicial e visando atingir os objetivos de nossa pesquisa fontes secundárias de pesquisa bibliográfica, tais fontes, conforme nos indica Andrade (2010) são as obras publicadas a respeito de determinado tema e assunto, já com discussões prévias a respeito delas.

Para tal, no primeiro momento desse trabalho traçaremos uma breve história da religião, de maneira a demonstrar de que formas todos os elementos da religiosidade e mais especialmente da cristandade estiveram presentes e foram fundamentais para a formação do que hoje chamamos ocidente. Dentro desse aspecto, propusemo-nos a analisar as obras de Dawson (2010), Castoldi (2014) e Febvre (2004). Autores esses que nos indicam o movimento da cristandade no decurso do tempo e de como ela foi extremamente necessária a formação de uma civilização tal qual a temos hoje.

O segundo momento de nosso trabalho, discorreremos a respeito das contribuições que o Iluminismo trouxe para o que Dawson irá chamar de secularização da cultura, para que logo em seguida possamos compreendê-la na sessão seguinte, onde Dawson (2010) juntamente com outro autores, tal qual Berger (2017) elucida os problemas relacionados a secularização da religiosidade, ou seja, de que forma o “excesso” de racionalização do mundo faz com que as experiências sacras dos indivíduos sejam secularizadas.

Por fim ao final de nossas discussões a respeito da religiosidade e civilização para Dawson (2010), onde o autor prossegue seus argumentos tecendo críticas a não valorização dos aspectos religiosos e sagrados para a sociedade contemporânea. O autor durante todo o texto advoga que foram tais elementos sagrados que foram fundamentais para a formação cultural do ocidente e negá-los ou de certa forma restringi-los a vida privada seria restringir a cultura ocidental.

2- DESECULARIZANDO A CULTURA.

Antes de aprofundarmos o estudo sobre a importância da religião e sua contribuição, devemos compreender, o que podemos definir como uma religião, bem, a religião pode ter muitas definições ao viés daqueles que a buscam compreender, seja na área da Sociologia, Antropologia, História ou Teologia. Segundo Dawson:

A história do cristianismo é a história de uma intervenção divina na história, e não podemos estudá-la à parte da história da cultura no sentido mais amplo do termo. A palavra de Deus foi primeiramente revelada ao povo de Israel e se incorporou na lei e na sociedade. Depois, o verbo de Deus se encarnou em uma determinada pessoa, em um determinado momento da história e, posteriormente, esse processo da redenção humana perdurou na vida da Igreja, a nova Israel, a comunidade universal portadora da Revelação divina e foi o meio pelo qual o homem participou da nova vida do verbo encarnado. (DAWSON, 2010, p. 100).

A palavra “religião”, está atualmente intimamente associada ao cristianismo, à crença em um SER superior e transcendente, no entanto, nem sempre foi assim, para chegar a esse conceito que conhecemos atualmente foi necessário um trabalho minucioso de alguns estudiosos buscando compreender aquilo que lhes parecia um enigma, esta palavra era em primeira instância pertencente à cultura ocidental.

Como afirma Nestor Figueiredo¹, os autores latinos entendem a religião ou “religio”, como um conjunto que engloba, escrúpulo, consciência, exatidão, lealdade, nada aparente ao que conhecemos hoje como religião.

Foi somente a partir do autor Lactâncio que religio passou por um processo de “decantação” de sua conotação original pré-cristã, atribuindo a origem do termo não à relegere como Cicero, mas a religare, num procedimento tanto fisiológico quanto ideológico, segundo, Prandi. O termo agora passava a religar duas realidades que, pelo próprio significado, pressupunham um estado original e conseqüente, quando ambas estariam ligadas, o que calhava perfeitamente com a doutrina cristã do pecado original e a conseqüente queda e separação entre homem e divindade. A partir desse ponto, o termo se impôs como paradigma dessa ideia de reconexão presente na doutrina cristã, sofrendo apenas pequenas modificações por autores como Agostinho e Tomás de Aquino até ser questionado no período iluminista. (FIGUEIREDO, 2019, p. 274).

A partir do Iluminismo e das críticas à “acepção corrompida de Lactâncio²”, o conceito de religião passou novamente a interessar outros cientistas da modernidade, estudando a

¹ Cientista da Religião (UFPB 2017), Doutorando em Ciências das Religiões (UFPB, 2017-2021), docente efetivo na rede pública do Estado da Paraíba.

² Referente à ideia de religare, que refere-se à origem original do pecado, presente na cultura cristã. Religar vem da ideia de ligar novamente duas realidades, ou seja, religar o sagrado ao terreno, ligação que foi rompida ao entrar

essência e função, esta ideia funcionalista e ao mesmo tempo reducionista, segundo Figueiredo parte dos autores do século XIX que são conhecidos como “mestres das suspeitas”, Karl Marx e Sigmund Freud, os quais acreditam que a religião está inserida no quadro patológico da vida humana, e que a mesma seria a doença e o falso remédio.

Figueiredo aponta através de Prandi, as diferenças entre a concepção substancialista e funcionalista:

Prandi chama nossa atenção para a distinção linguística entre concepções substancialistas e funcionalistas. Para ele, no primeiro caso, prevalece o recurso do verbo ser, com relativo predicado nominal. Assim, modelos do tipo da religião se apresentariam, em geral, com “referência a entidades transcendentais”, enquanto na outra versão, a função de x, procurar-se-ia destacar o papel específico exercido pela concepção de mundo, sem necessariamente a presença de uma entidade trans histórica, implícita ou subentendida. (FIGUEIREDO, 2019, p. 275).

Hanegraaff³, um outro autor apresentado por Figueiredo, define a ideia substancialista como algo real, “religião é isso”, para ele a religião só pode ser entendida por cientistas que estudem partindo de ideias especulativas, ou seja, não se pode afirmar com certeza o que é ou deixa de ser a religião, tudo está aos olhos de quem a vê. Por outro lado, ele define a religião em três momentos, o primeiro apresenta a “religião” (“qualquer sistema simbólico que influencie as ações humanas, fornecendo possibilidades para manter contato ritualisticamente entre o mundo cotidiano e um quadro meta-empírico mais geral de significados”); Segundo, “religiões”, ou “uma religião”, (“um sistema simbólico, incorporado em uma instituição social”); terceiro, “espiritualidade” (“qualquer prática humana que mantenha o contato entre o mundo cotidiano e um quadro meta-empírico”). Hanegraaff apresenta sua definição de religião como superior a qualquer outra definição, uma tríplice definição que aponta apenas as vantagens e não desvantagens da religião e sua flexibilidade.

Max Weber por outro lado, aponta a religião como uma forma de alienação, a qual faz com que as pessoas que estão inseridas neste meio ocultem o seu caráter, levando à perda da consciência, criando assim uma falsa consciência dos fatos, segundo ele há uma falsa autonomia mítica e religiosa imposta pela estrutura social na qual o indivíduo está inserido, como afirma Robson Stigar⁴.

Max Weber sempre incluiu a relação entre classe social/tipo de religião em suas análises, como afinidade eletivas: a magia como característica do campesinato; entre

o pecado no mundo. Quando Adão e Eva pecaram no jardim do Éden e foram expulsos separando Deus da humanidade, que outrora habitavam em um mesmo terreno.

³ Hanegraaff é um ex-pastor evangélico, escritor e teólogo, atualmente faz parte da igreja Ortodoxa Grega.

⁴ Doutorando em Ciências da Religião pela PUCSP.

as classes médias citadinas e as profecias éticas; entre a burguesia e o proletariado e a indiferença religiosa, embora a primeira tenha se identificado ao protestantismo ascético em suas origens e o segundo, em casos de ameaças de espoliação, tenha aderido a religiões salvacionistas. (STIGAR, 2015, p. 168).

Segundo Stigar, Weber relaciona a religião ao desenvolvimento econômico, Weber acredita que o capitalismo triunfa com mais exatidão nas sociedades protestantes, isto está relacionado à motivação pelo trabalho, acúmulos de bens e zelo pelo trabalho. Pois o trabalho mostra-se como uma ação divina, uma condição que é essencial para o sucesso do indivíduo, e a graça de Deus só é concedida àqueles que trabalham, como forma de louvar e obedecer a Deus.

Alguns filósofos como Kant e Agostinho entende a religião de uma outra forma, Kant compreende a religião como um sistema moral que está relacionado a Deus, onde Deus é o legislador, ou seja, é quem dita as leis e regras, e o dever de todo ser humano é reconhecer seus deveres enquanto mandamentos divinos. Enquanto Agostinho compreende a religião como uma procura por um significado, algo que se perdeu no tempo. Como afirma Valdemir Damião⁴:

Segundo as regras básicas do pensamento filosófico, religião é “reconhecimento prático da dependência do homem para com Deus; instituição social com crenças e ritos; respeito a uma regra”. Para os sociólogos, religião é a instituição social criada em torno da ideia de um ou vários seres sobrenaturais e de sua relação com os homens, incluindo-se o misticismo e a prática feiticista negra. (DAMIÃO, 2003, p.31).

Alguns sociólogos da contemporaneidade como Rudolf Otto e Friedrich Schleiermacher, segundo Damião definem a religião como:

Religião é um serviço ou culto a Deus, ou uma divindade qualquer, expresso por meio de ritos, preces e observância do que se considera mandamento divino. É um sentimento consciente de dependência ou submissão que liga a criatura humana ao criador. É um culto externo ou interno prestado à divindade. É crença ou doutrina religiosa; sistema dogmático e moral. É veneração às coisas; crença, devoção, fé, piedade. É prática dos preceitos divinos ou revelados. É temor de Deus. É tudo que é considerado obrigação moral ou dever sagrado e indeclinável. É ordem ou congregação religiosa. É caráter sagrado ou virtude especial que se atribui a alguém ou alguma coisa e pelo qual se lhe presta reverência. É o conjunto de ritos e cerimônias sacrificais ou não, ordenados para a manifestação do culto à divindade; cerimonial litúrgico. (DAMIÃO, 2003, p.32).

Na maioria das religiões Deus é a figura central, o Ser supremo, o criador dos céus e

⁴ Ministro do evangelho, graduado em Ciências Sociais e Direito; membro da comissão de capelania da confrades, foi missionário no Peru e pastoreia a Assembleia de Deus em São José do Rio Preto.

da terra, o ditador, principalmente para o monoteísmo, o qual acredita-se em um único Deus que se identifica como; onipotente, onisciente e onipresente, Ele também pode ser considerado por algumas religiões, como transcendente (transcende os limites deste mundo) e outros como imanente (presente em tudo no universo).

A religião embora pouco reconhecida desta forma, faz parte de um arsenal cultural muito vasto, algo que nestas poucas linhas não poderia descrever, é algo que está presente desde os primórdios e no seio de todas as sociedades ao redor do mundo, cada uma ao seu modo, mas de modo geral, é isso que faz cada sociedade e cada cultura únicas. E como tudo que faz parte da sociedade traz curiosidades e indagações, com a religião não poderia ser diferente, as discussões e debates acerca desse tema são muito vastos, no que se refere à sua história e ao seu legado. No entanto, na contemporaneidade a religião é vista como uma força obscura que interfere o avanço e o progresso do Ocidente, isso ocorre desde o período que ficou conhecido como a “idade das trevas”, fruto do Iluminismo, contudo, nem sempre foi assim, a religião já ocupou um lugar muito importante na sociedade, especialmente, o cristianismo, como afirma Woods:

Segundo Tomas Woods (2014), o cristianismo teve participação em todos os eventos importantes da formação e desenvolvimento da civilização ocidental, como por exemplo; nas descobertas, tecnologia, direito, economia, educação, ordem moral, desenho e o ensinamento moral. A igreja humanizou a vida, ao investir durante séculos nos direitos universais do ser humano, tanto dos cristãos quanto dos pagãos e na sacralidade de cada pessoa⁵.

Praticamente não há ao longo da idade média nenhum empreendimento significativo para o progresso da civilização em que a intervenção dos monges não fosse decisiva. Os monges proporcionaram a toda a Europa [...] uma rede de indústria-modelos, centros de criação de gado, centros de pesquisa, fervor espiritual, a arte de viver [...], a predisposição para a ação social, ou seja, [...] uma civilização avançada, que emergiu das vagas caóticas da barbárie circundante. (WOODS, 2014, p. 08-09).

O que Lucien Febvre identifica como um sistema de padroado, uma rede de bispados e arcebispos, uma instituição, como afirma a seguir:

Que instituições? A rede de bispados e arcebispos. Que instituições? Os estabelecimentos monásticos que não brotam por acaso, os estabelecimentos que não

⁵ Nesta época a igreja católica se colocava como a religião oficial do Império, por ter sido a responsável por promover a civilização após a queda de Roma e após evangelizar os bárbaros, com isso visava exercer o papel de religião burocratizada. Tratando-se, portanto, de um sistema de “padroado”, o que em seu conceito refere-se à um sistema socioeconômico, no qual a igreja e os reinos entraram em um acordo onde a igreja delegava aos reis a administração da própria igreja, em troca os reis construíam igrejas e concediam grande autoridade aos bispos e monges especialmente na Espanha e em Portugal.

vivem isolados, mas que constituem ordens, que seguem o exemplo soberano de Cluny, abadia isenta, governada por uma sequência de abades eminentes e que logo fazem na cristandade o papel de homens de Estado de primeiro plano; Cluny, sementeira de papas, segunda capital do mundo cristão, em íntima relação com a Itália; Cluny, cuja igreja abacial é a maior igreja da cristandade. E não há só Cluny!

Há todas as ordens que estabelecem relações, coesões espirituais e materiais entre seus estabelecimentos; relações, coesões espirituais e materiais entre seus estabelecimentos; relações que levam os religiosos de tal mosteiro entre o Oder e o Vístula a conceber uma solidariedade [...] Enquanto que o papa desempenha, acima dos imperadores e dos reis e dos príncipes, o papel político e moral e religioso que vocês conhecem e que, forte graças à força material que lhe proporcionam a organização das dioceses, a posse de um grande tesouro, a disposição de uma arma tão temível quanto a excomunhão, tende a erguer, acima desses Estados que parecem os fragmentos de uma unidade política rompida, uma grande formação políticoreligiosa unitária. (FEBVRE, 2004, p. 126).

A religião como afirma Woods (2014), teve participação em muitos momentos importantes da história da civilização, apesar de não se tratar de algo neste caso, sem segundas intenções, ou seja, por traz disso tudo havia interesses financeiros e por poder, uma união que deu certo por muito tempo, até a chegada do Estado, como afirma a autora Raquel Kritsch⁶:

Essa nova realidade não se configurou toda ao mesmo tempo nem por um processo único em toda a Europa. O novo poder desenvolveu-se antes na Inglaterra que no continente, no caso inglês a coroa afirmou-se contra a igreja. No continente, as forças em confronto são fundamentalmente quatro: a monarquia nascente, o Império, o Papado e os poderes locais. (KRITSCH, 2004, p.103)

Aquela união que gerava benefícios para todos, se rompeu, e em seu lugar surgiram conflitos jurídicos e políticos, segundo Kritsch, político por envolvia mais de um poder e principalmente a entrada de novos atores na política, e jurídica porque os confrontos que havia entre os vários atores envolvidos, não era apenas questão de poder, mas de jurisdição.

2.1 - Uma breve história da religião.

Ao analisarmos as obras de Dawson a respeito da religião fica claro que só podemos compreender a história de uma sociedade quando analisamos sua religiosidade, e para compreendermos a história do Ocidente devemos nos aprofundar em suas crenças, que neste caso, trata-se do cristianismo; os seus costumes, suas tradições, princípios e valores.

Ao buscarmos entender a religião não podemos deixar de ressaltar a diferenciação que há entre religião e cultura, dois conceitos distintos que se entrelaçam em um emaranhado de

⁶ Graduada em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo, doutorado-direto em Ciência política pela Universidade de São Paulo, Pós-doutorado pela Universidade de Lisboa e London School of Economics and political Science.

significações e ideologias. Dawson (2010) vem mostrar que existe a presença do cristianismo em muitas culturas, em especial a cultura Ocidental, assim como a cultura também está presente dentro da religião, em forma de rituais, vestimentas, alimentação, costumes etc.

[...] o cristianismo entrou na corrente da história e no processo da cultura. Tornou-se culturalmente criativo, pois mudou a vida humana, e não há nada no pensamento e na ação dos homens que não tenha sido submetido à sua influência, posto que, ao mesmo tempo, experimentou as limitações e vicissitudes inseparáveis da existência temporal. Há quem rejeite, todavia, essa mistura de religião e história, ou cristianismo e cultura, já que creem que religião diz respeito a Deus e não ao homem, ao absoluto e eterno, e não ao histórico e transitório. (DAWSON, 2010, p. 100).

A cultura cristã se embasa em um conceito de cultura que adere tanto a igreja quanto o Estado. Dawson (2010) afirma que a cultura é um “fenômeno universal” que pode fazer parte de um estudo científico, partindo do pressuposto de que toda cultura histórica tem um viés religioso. Desta maneira, a cultura religiosa não é diferente das demais culturas.

Antes de aprofundarmos no assunto acerca da ascensão do cristianismo, devemos tratar de forma rápida e suscita o período anterior ao crescimento do cristianismo, período com uma diversidade religiosa bem aparente, exatamente por volta do século II a.C. Neste período era comum cultuar aquilo que lhes parecia extraordinário, e como tal, o imperador que comandava naquele momento o exército, a política, a disciplina e a religião era Augusto, considerado uma autoridade suprema e superior, o qual todos adoravam e o cultuavam, tanto em vida, quanto após sua morte. Como afirma Ticiano Castoldi⁷:

Já na época de Cristo veríamos com ênfase a propagação do culto ao imperador. O desenvolvimento dessa prática religiosa segundo Rostovtzeff, tomaria duas vias: o culto ao imperador reinante e o culto ao imperador morto. Ambas as vias teriam origem no Oriente, como se vê, por exemplo, os casos de Babilônia, Egito e Pérsia antigos. O livro bíblico de Daniel já apresentava o protesto do povo hebreu contra essa classe de culto (não sendo assim a negação uma característica, uma necessária inovação cristã). (CASTOLDI, 2014, p. 16).

Apesar do culto ao imperador ser algo muito importante naquela época, segundo Castoldi (2014) não havia proibições e nem obrigatoriedade do mesmo, existindo nesse sentido uma tolerância religiosa. No entanto, a religiosidade romana não permaneceria estática por muito tempo e nem tão pouco homogênea no período de Augusto e de Cristo, afinal já havia uma diversidade digna de um império.

⁷ Ticiano Saulo Scavazza Castoldi. Trabalho monográfico: A igreja que conquistou um império: História da ascensão do Cristianismo no Império Romano. 2014.

No entanto, oficialmente nos dois primeiros séculos prevalece com firmeza a tradição romana. Nesse contexto e período retornará uma prática cultural que a partir de então não se apagaria, que é o culto doméstico dos *genius*, dos *Lares* e *Penares*, simbolizando a prosperidade da velha religião greco-romana, onde deuses e deusas cumprem papel semelhante. As reuniões cristãs inicialmente também tomarão essa forma “caseira” sem necessariamente se restringir ao círculo familiar. (CASTOLDI, 2014, p. 16-17).

Segundo Castoldi (2014) no meio de toda a bagunça religiosa que estava Roma, surge uma “seita judaica” chamada “cristã” que logo cresce e se torna destaque dentre as outras. Logo esse surpreendente crescimento causaria problemas, afinal suas ideias se chocavam com o do poder civil, isso mais tarde causará perseguições como parte da política dos imperadores.

Conforme o tempo avançava o cristianismo mais se expandia, principalmente por se tratar de uma religião aberta a todos, inclusive escravos. Seu alcance se estenderia a todo o Império, isso ainda antes de se tornar a religião oficial de Roma, em pouco tempo já estaria presente ao redor de todo o mediterrâneo. No entanto, a igreja começou a ganhar autonomia e poder quando Constantino no ano de 313 decretou liberdade de culto

O primeiro grande evento após a vitória na batalha da ponte Mílvia pode ser considerado a promulgação do Edito de Tolerância, ou Edito de Milão, no ano de 313. Constantino e Licínio se reúnem um ano após a batalha para a tomada de decisões em relação ao futuro das políticas imperiais, e ali elaboraram um Edito que na verdade perpetua e oficializa traços de uma tolerância já estabelecida por Galieno. Encerra-se assim a era das perseguições oficiais. É ainda concedida total liberdade à igreja e esta é transformada em um elemento de coesão no Império. (CASTOLDI, 2014, p. 69).

Foi a partir de então que a igreja passou a ser parte relevante do Ocidente, além disso, por volta de 325 ainda no poder, o imperador Constantino garantiu os direitos do cristianismo através de um encontro promovido em Nicéia com autoridades eclesiásticas para definirem as normas e crenças que deveriam nortear a conduta cristã. Momento este que ficou conhecido como concílio de Nicéia e foi um marco na constituição da religião católica.

Em 391, o cristianismo se tornou a religião oficial de Roma, e passou do status de perseguida para perseguidora, pois passara a perseguir os pagãos e todos aqueles que fossem contra suas condutas, normas morais. Em 455 o patriarca de Roma passou a ser chamado de Papa, logo após surge o nome da igreja que conhecemos atualmente, “igreja católica apostólica romana”. No entanto, apesar do cristianismo ter se tornando a religião oficial de Roma, só haveria sua consolidação nos séculos seguintes a partir da Idade Média (476 a 1453), ganhando

ainda mais impulso no período do Império Carolíngio e o feudalismo, que proporcionariam espaço econômico e poder político para a igreja⁸.

Segundo Castoldi (2014) o judaísmo e o helenismo tiveram influência no desenvolvimento do cristianismo, como afirma:

As influências do mundo judaico e do mundo helenístico no cristianismo e em sua expansão existe cada qual com seus atributos, mas acima de tudo de forma simultânea, se fazendo inclusive difícil por vezes distinguir as influências de uma e de outra corrente, a iniciar com o fato de que a primeira onda de propagação cristã se deu através da dispersão judaica no mundo heleno. Diferentemente das populações de judeus que permaneceram na Palestina, as dispersas pelo Mediterrâneo raramente agiam de forma violenta e foram aos poucos integrando-se à nova civilização, ainda que sem perder o vínculo com a religião de origem. Os judeus dispersos adotariam a língua comum (o grego comum, chamado coiné) e praticamente deixariam morrer o aramaico. Apesar de tamanho poder de influência a assimilação da cultura helena não apagaria a milenar herança monoteísta. (CASTOLDI, 2014, p. 24).

O cristianismo não influenciou apenas na esfera religiosa, mas fez parte também da economia, da política e da educação, como afirma Castoldi:

A igreja se beneficiou do Estado, isso não é segredo, mas houve aí proveito mútuo. A questão é que a cristandade não parece ter trazido benefícios para o Estado em aspectos econômicos, mas foi responsável por transformações morais e por guardar a maioria dos resquícios da cultura romana, incluindo documentos escritos aos quais hoje se tem acesso. Outro ponto positivo num sentido moral, apesar de nada benéfico de um ponto de vista econômico, é que as influências cristãs cooperaram para a proibição da escravidão em Roma. As lutas de gladiadores também foram proibidas no Império em 404, na época de Flávio Onório, essencialmente pelo ato de Telêmaco, um cristão. No Oriente a igreja se subordinou ao Estado, mas no Ocidente não fez menos que usurpar o poder secular, o que para Hurlbut não traz como resultado o cristianismo propriamente, mas o estabelecimento de uma hierarquia corrupta dominando as nações europeias, transformando a igreja quase que numa hierarquia política. Até o final da Idade Média as tradições religiosas do cristianismo faziam parte do cotidiano do homem que ao nascer se deparava com os princípios católicos⁹ de sua família e assim o seguia, a qual predominava no Ocidente. A religião tinha influência na economia, política e cultura, agia juntamente com o Estado, seja direta ou indiretamente, por meio do Clero ou do sistema cultural tradicionalmente, a igreja e o Estado trabalhavam em harmonia desde a idade antiga quando o cristianismo tornou-se a religião oficial do império. (CASTOLDI, 2014, p. 82).

Na Idade Média os traços cristãos estavam ainda presentes em todos os aspectos da vida, desde a cultura à arquitetura, uma caricatura mítica e religiosa, as regras sociais, as leis, as vestimentas e os comportamentos morais. Tudo parecia estar em harmonia até a chegada da

⁸ Ticiano Saulo Scavazza Castoldi. Trabalho monográfico: A igreja que conquistou um império: História da ascensão do Cristianismo no Império Romano. 2014.

⁹ 10 Costumes, tradições, moral e ética.

idade moderna, trazendo consigo muitas problemáticas, uma delas é a crise econômica, fruto das transformações e das novas mentalidades. Isso se intensificou com a reforma protestante permitindo ao homem desenvolver uma personalidade diferente daquela que a igreja católica costumava pregar, livres do controle doutrinal da igreja católica, aquilo que era inquestionável, passou a ser objeto de observação e investigação, isso dar vasão a um novo comportamento.

Segundo Lucien Febvre (2004), o cristianismo ou cristandade como ele chama mudou o cenário do Império Romano, assim como o Império romano marcou algo no cristianismo, o principal objetivo do cristianismo seria a unificação de todos os homens, como afirma:

A cristandade é uma formação unitária, no sentido de que ela agrupa homens que, a despeito de todas suas diversidades, têm caráter comum que é a obediência romana (eu digo romana, e não é por inadvertência. Pois não esqueçamos que os cristãos da Idade Média, os cristãos das cruzadas não são nada menos que fraternais com os cristãos do Oriente). A cristandade é bem, nesse sentido, uma formação unitária. A cristandade possui uma fé comum, uma linguagem comum. Mas a cristandade não é um Estado, embora tenda a se dotar de partes de Estados que ela deve incessantemente vigiar, controlar, reunir. A cristandade desempenha acima desses Estados, um papel de super-Estado, ou melhor, a cristandade justapõe às instituições próprias desses Estados suas próprias instituições, instituições cristãs que, pouco a pouco, de uma coleção díspar de reinos e principados espalhados fazem um mundo ordenado, coerente e que se sente como tal. (FEBVRE, 2004, p. 126).

Os ideais do cristianismo embora de início tenham ido de encontro com os ideais do Estado e dos principados, não se esquivou dos conflitos relacionados ao poder. Por um lado, uns quiseram “um espírito laico” para os príncipes e do outro estava os chefes de espíritos cristãos, este conflito perdurou até na modernidade.

De um lado, a fé, de um lado, o ódio, de um lado, a reconquista, de um lado, a libertação do túmulo de cristo; de outro lado, a dominação, pois o chefe da cruzada é o chefe da cristandade, ideia que se destaca muito rapidamente; do outro lado, o interesse e o ganho. Pois a cruzada é uma bela oportunidade para aqueles [uma palavra não lida], sem os quais, sem concurso ativo (mas sólido) de quem não há cruzada possível. A cruzada, digamos em síntese, é um belo negócio, um belo negócio que a fé oferece à cupidez, que o desinteresse oferece ao dinheiro, que a religião oferece igualmente à política, os papas aos imperadores e aos reis e aos barões, a esses barões que ganham indulgências, de lança em punho, mas que ganham também principados e que, partidos de casa, de algum canto aprazível e ignorado de nossos campos, se acham de um dia para outro duques de Atenas ou príncipes do Peloponeso. (FEBVRE, 2004, p. 127).

3- CONTRIBUIÇÕES DO ILUMINISMO PARA A SECULARIZAÇÃO.

O Iluminismo e a revolução francesa (1789), deram início a ascensão da modernidade, findando o período de divisão entre a igreja e a sociedade que vinha se intensificando desde o século XVI, posteriormente o racionalismo se propaga pela França nos séculos XVII e XVIII, tendo como um dos principais percussores Voltaire e Rousseau.

A revolução ocorrida na França no final do século XVIII mudou radicalmente a face do mundo. Pôs fim ao chamado “Antigo Regime” e inaugurou a nossa história, a nossa modernidade. Mas ela não surgiu do nada. Os revolucionários que partiram ao assalto do poder político foram buscar em um risco artesanal de ideias as justificativas para sua ousadia. Ora, este risco artesanal foi sendo construído ao longo do século graças a um intenso fervilhar de ideias. É este movimento cultural prodigioso que domina a Europa Ocidental, especialmente a França, a Inglaterra e a Alemanha dos dois últimos decênios do século XVII até mais ou menos 1780 que se costuma chamar de “Iluminismo”. (SALINAS FORTES, 1987, p. 08).

Por algum tempo o Iluminismo não representava perigo à religião, afinal, a mesma parecia tão sólida que após um longo período de muitas lutas em busca de seu lugar na sociedade que algo inicialmente insignificante não iria lhe causar problemas. No entanto, algo que parecia pequeno se alastrou rapidamente conquistando muitos seguidores, afinal, o iluminismo oferecia ao homem “liberdade”, “felicidade”, “progresso” e assegurou os direitos do homem e do cidadão (séc. XVIII).

O Iluminismo está para além daquilo que se conta e se imagina, seu objetivo é dissipar as “trevas”, mas, não se trata de uma doutrina sistemática uno ou coerente, mas, uma multiplicidade de ideias doutrinarias heterogêneas. Engana-se quem pensa que o Iluminismo é uma seita, uma igreja, um partido político ou uma sociedade secreta, ao contrário, o Iluminismo preserva a liberdade, liberdade frente às doutrinas religiosas, trata-se da liberdade da razão, de ser dono de suas próprias opiniões.

No mesmo momento em que o Iluminismo se concretiza ocorre uma crise no sistema feudal, momento em que ocorre a transição do modo de produção feudal para o capitalista, à medida que isso ocorre o senhor feudal vai perdendo poder e status e conseqüentemente a igreja perde o seu poder absoluto e entra em uma severa crise. Afinal, a igreja tinha um papel importante na formação do feudalismo, e se manteve firme durante às inúmeras mudanças ocorridas na Europa no século V e, ao evangelizar os bárbaros, concretizou a união entre o mundo romano e o bárbaro. Tal fato a tornou herdeira da cultura clássica, pois no universo medieval a Igreja Católica monopolizava o conhecimento.

O senhor feudal que até então representava o poder de um “Estado”, perdeu seu lugar para o modo capitalista, juntamente com a igreja, no entanto, o rumo das tradições religiosas toma diferentes formas em cada país.

Como lembra Hegel, nas suas lições de História da Filosofia, a Aufklärung palavra alemã para Iluminismo, estava na Alemanha ao lado da teologia ou pelo menos de uma certa teologia, ao passo que na “França tomou imediatamente uma direção hostil à igreja”. Nos países protestantes, com efeito, onde a tradição dogmática já vinha sendo há séculos submetidos a uma crítica sistemática, as coisas foram um pouco diferentes. As próprias igrejas reformadas participaram, nestes países da tendência no sentido de favorecer a valorização da Razão, do livre exame das escrituras e de se contrapor ao predomínio absoluto do dogma e da fé. (SALINAS FORTES, 1987, p. 18).

Contudo, apesar do Iluminismo ter tido grande influência sobre o modo de pensar e agir das pessoas, este não foi o primeiro a pregar a razão como algo superior, antes do Iluminismo surgir já havia resquícios, o Iluminismo é apenas o herdeiro dessa mentalidade, mas isso ocorre no Ocidente desde o momento que ficou conhecido como “Renascimento”, por volta do século XV¹⁰.

3.1 O problema da secularização.

Na Idade Média não havia separação entre o sagrado e o profano, ambos habitavam um mesmo terreno, isso muda na idade moderna com os avanços tecnológicos, industriais e principalmente, o avanço da ciência, isso faz com que o cenário mude totalmente, as crenças passaram do sagrado ou celestial para a razão, razão esta que se opõe esporadicamente àquilo que é exterior ao homem, indo assim contra a ideia de religiosidade, tradição, paixão.

Uma discussão frequente na contemporaneidade é acerca da secularização¹¹, esta discussão está presente no campo da Sociologia, Filosofia e História, isto é indubitavelmente resultado da chegada da modernidade, além disso, está associado aos efeitos do Iluminismo, racionalismo e do crescimento da Ciência. Há na modernidade segundo os sociólogos alguns condicionantes que contribuíram para a expansão desta discussão, uma delas é o que Weber

¹⁰ Ideia referente aos seguintes pensadores “Francis Bacon, René Descartes e John Locke. Eis aí mencionados os marcos iniciais e fundamentais do acontecimento. É certo que ele começa a despontar, a rigor, desde o chamado Renascimento que nos séculos XV e XVI abriu profundas brechas nos sistemas vigentes. Mas é a partir dos três referenciais apontados, além de Spinoza e Leibniz, que a grande transformação assenta suas bases definitivas”. (SALINAS FORTES, 1987).

¹¹ Processo no qual a religião perde seu poder e influência nas mais variadas esferas sociais, discussão que se intensifica na modernidade.

chamou de “desencantamento do mundo¹²”, onde a religião já não aparece como um fator social importante para o desenvolvimento da sociedade, mas, como um conceito que decai cada vez mais na secularização, deste modo, a religião por não ocupar um lugar socialmente importante está fadada ao fracasso e ao esquecimento. A religião pode ter perdido parte de seu poder de coagir a sociedade como o era outrora, Weber afirma que a religião perdeu sua funcionalidade central, já que outras instituições se colocam a par da Igreja no papel de coesão social, trazendo sentido à vida dos indivíduos pelo processo de privatização da crença e conseqüente pluralismo religioso.

Segundo Weber (1996), o homem através do processo de desencantamento do mundo que o distanciou do sagrado, estaria liberto do poder da religião, assim submetido ao mundo da razão, que o levaria a construir sua própria gaiola de ferro, tornando a racionalização um instrumento de poder e dominação da sociedade e dos outros homens através da supervalorização de seus conhecimentos e técnicas. O mundo assim concebido passa a ser um mecanismo racional, descaracterizando então o indivíduo, levado pelas próprias formas que compõem o capitalismo, ou seja, a produção em série através das máquinas e a busca dos bens materiais. (MONTE, 2009, p. 251).

Segundo Mateus Cardoso¹³, o termo “desencantamento” não quer dizer um desapontamento, algo como uma decepção amorosa, uma desilusão, Weber utiliza esse termo não com a intenção de lamentar o mundo, mas de explicá-lo. Com “desencantamento do mundo” Weber refere-se literalmente a desfazer o “feitiço” que envolve a sociedade.

Para Peter Berger¹⁴ (2000), o assunto da secularização é um grande equívoco, a religião nunca se separou do homem ou da sociedade, sempre esteve e sempre estará presente, como afirma:

Argumento ser falsa a suposição de que vivemos em um mundo secularizado. O mundo de hoje [...] é tão ferozmente religioso quanto antes, e até mais em certos lugares. Isso quer dizer que toda uma literatura escrita por historiadores e cientistas sociais vagamente chamada de “teoria da secularização” está essencialmente equivocada. [...] ainda a expressão “teoria a secularização” se refira a trabalhos dos anos 1950 e 1960, a ideia central da teoria pode ser encontrada no Iluminismo. A ideia é simples: a modernidade leva necessariamente a um declínio da religião, tanto da sociedade quanto da mentalidade das pessoas. E é justamente essa ideia central que se mostrou estar errada. Com certeza a modernização teve alguns efeitos secularizantes, em alguns lugares mais do que em outros. (BERGER, 2000, P.10).

Para Berger (2000) a religião perdeu um pouco de sua força na contemporaneidade, isso parte da ideia de que a modernidade leva a um declínio da religião, no entanto, esta ideia de que

¹² Encontra-se no artigo: ROCHA, Sousa Luís e ROCHA, Paula. A propósito da secularização e das metamorfoses de um mundo reencantado. E-cadernos CES (online): p. 83-111. Editora centro de Estudos Sociais da universidade de Coimbra 13/2011.

¹³ Especialista em Filosofia e Ciências da Religião.

¹⁴ Foi um sociólogo e teólogo luterano austro-americano.

está sendo secularizada, é um engano, embora que isoladamente a religiosidade tem se expandido até mais que antigamente.

Após a reforma protestante, o pluralismo religioso é estrondoso, a secularização ocorre apenas em nível individual, a relação entre religião e sociedade está conturbada e complexa. Berger (2000) argumenta que alguns pensadores Iluministas e progressistas veem a secularização como algo positivo, afinal, a luz do Iluminismo estria vencendo as trevas que é a religião, apontando a religião como superstição. Por outro lado, a modernidade dar lugar à propagação religiosa, e portanto, a religião que deve adaptar-se aos novos padrões contemporâneos. Faz se necessário um novo paradigma, este deve basear-se nos fenômenos do pluralismo religioso, “proponho que um novo paradigma deveria ser capaz de lidar com dois pluralismos, a coexistência de diferentes religiões e a coexistência de discursos religiosos e seculares” (BERGER, 2017, p. 49).

“[...] o pluralismo é uma situação social na qual pessoas de diferentes etnias, cosmovisões e moralidades vivem juntas pacificamente e interagem amigavelmente”. (BERGER, 2017, p.165).

Tanto a secularização quanto o pluralismo são frutos da modernidade, graças aos avanços da ciência, da tecnologia e o aumento da urbanização, contudo, a secularização segundo Berger (2000), é uma ideia totalmente ultrapassada, o pluralismo por outro lado, enfraquece muitas das certezas que se tinha antigamente.

Segundo Vattimo¹⁵ (2001) a secularização é um fenômeno da modernidade, e está atrelado à racionalização e desenvolvimento técnico-científico, para ele a religião retorna à sociedade ocidental, no que se refere ao reestabelecimento após um período de quase esquecimento, este retorno é fruto dos movimentos religiosos em busca de revitalização das instituições tradicionais.

O retorno religioso é antes de mais nada motivado pela premência de riscos globais que nos parecem inéditos, sem precedentes na história da humanidade, e começou logo depois da segunda guerra mundial com o medo da guerra nuclear, e hoje, que este risco parece menos iminente por causa das novas condições das relações internacionais, difunde-se o medo da proliferação descontrolada desse mesmo tipo de arma e, de uma forma mais geral, a ansiedade diante das ameaças que pesam sobre a ecologia planetária e os receios ligados às novas possibilidades de manipulação genética. Outro medo bastante difundido, ao menos nas sociedades mais avançadas, é o da perda do sentido da existência, do verdadeiro tédio que parece acompanhar inevitavelmente o consumismo. (VATTIMO, 2000, p. 92-93).

¹⁵ Filósofo e político italiano, um dos percussores do pós-modernismo europeu.

Berger (2000) ao contrário, afirma que a tese de que a modernidade leva ao declínio da religião é neutra e, portanto, deve ser pensada como uma estratégia de adaptação, enquanto de modo geral, talvez este tenha sido o motivo de sua subsistência por ir contra as tradições modernas.

As especulações sobre o retorno da religião à sociedade podem estar ligadas ao medo que o homem tem da morte, ou pelo vazio dentro de si, além disso, alguns podem utilizar a igreja para fins financeiros, oferecendo a redenção e salvação em troca de dinheiro. As alegações acerca das causas do retorno religioso são muitas, no entanto, se aprofundarmos o estudo acerca da religião podemos perceber que ela sempre esteve presente na cultura do povo, nos seus gestos, modo de pensar, agir, nos lugares onde a presença dela foi tão marcante, como fora no Ocidente. Jean Delumeau¹⁶ afirma:

Se tantas pessoas na Europa, de vícios culturais e econômicos diferentes, optaram pela reforma, foi por esta ter sido em primeiro lugar uma resposta religiosa a uma grande angústia coletiva. A guerra dos cem anos, a peste negra, numerosas crises, a loucura de Carlos VI, o grande Cisma que se prolongou durante trinta e nove anos ante a estupefação indignada do mundo cristão, as guerras das duas Rosas, as guerras hussitas, o desaire do grande Estado borguinhão com a morte trágica de Carlos do Temerário, a ameaça turca crescente contra a qual se põem a rezar todos os dias recitando os Ângelus: tantos acontecimentos que abalaram e desorientaram os espíritos. Aos indivíduos e sociedades pesaram as consciências e se sentiram culpados. Só o pecado pode explicar tantas desgraças. (DELUMEAU, 1989, p. 60).

Como afirma Delumeau (1989), a reforma protestante ocorreu pela crença que os cristãos tinham de que todas aquelas coisas ruins citadas acima estavam acontecendo porque estariam sendo castigados pelos seus pecados, tudo que estava acontecendo era culpa deles, portanto, eles precisariam mudar “pregadores e teólogos insistiram sobre a gravidade ontológica do pecado” (Delumeau, 1989). O horror que se criaram do pecado, as punições severas contra si mesmos, e total inconsciência de que aquilo estava acontecendo devidos às circunstâncias naturais.

Naquela época os homens sentiam-se inseguros e vazios, e como conseguiriam acabar com essa angústia, se anteriormente ao pecarem procuravam os monges ou padres para se confessarem em busca de redenção e paz interior, se a confiança que havia outrora pelos padres

¹⁶ Foi um historiador francês, especializado em estudos sobre a História do cristianismo.

se desfazia, já não restava muita coisa a que se apegar, a bíblia então tornara-se seu único recurso, já que Deus era apenas ao “místico privilegiado”.

Nesse espectro surge Lutero com sua teoria de que somos salvos pela fé, ou seja, a justificação pela fé, esta era a solução para todo aquele problema. Lutero desfaz toda a visão que se tinha do pecador; de que estariam inclinados ao pecado eterno, ao mal e condenados, aqueles antes não podiam falar com Deus, passaram a falar através da “liturgia e sacramentos” que intermediava a relação entre o salvador e o salvo. Lutero pregava que o homem é salvo pela fé e não pelas obras, após ir contra a Igreja Lutero foi excomungado de Roma, então começaram os conflitos religiosos entre reformadores e contra reforma.

A pesquisa histórica atual está resolutamente orientada, no que tange à reforma, para o estudo das doutrinas e de seu relacionamento com a realidade das massas do século XVI. A causa principal da reforma teria sido, em suma, a seguinte: numa época conturbada, que além disso assistia à afirmação do individualismo, os fiéis teriam sentido a necessidade de uma teologia mais sólida e mais viva que aquela que lhes era ensinada, ou não era ensinada por um clero muitas vezes pouco instruído e rotineiro, com excessivos padres serventários famélicos e incapazes substituindo os curas titulares, eles mesmos insuficientemente formados. (DELUMEAU, 1989, p. 271).

Diante de todo esse longo e gradual processo que a religião passou, ela não se finda com o processo de secularização na pós-modernidade. Com os avanços das ideologias da secularização e racionalização a sociedade atravessou um novo quadro de significações do religioso, a fé que antes era negada volta ao seu lugar de origem, no lugar da razão que outrora fora tão almejada, ou seja, a sociedade volta ao caminho do sagrado. Isso graças ao vazio que o homem enfrentara na modernidade, as frustrações, as ansiedades como resultado de uma sociedade materialista, muita expectativa e poucas realizações.

A secularização ao invés de dar cabo à religião faz com que o pluralismo religioso se expanda, e na pós-modernidade isso não é tão diferente, o que as difere é que na pós-modernidade não acredita-se em uma verdade absoluta, ao contrário, tudo é questionável. Como afirma Brandão¹⁷ (2016):

Com o advento da pós-modernidade, a religião sofre significativas transformações, os indivíduos pós-modernos relacionam com a religião e exercem sua religiosidade de forma renovada. Mesmo com todos os “profetas” do fim da religião, os que teorizaram que com o desenvolvimento técnico-científico, advindo da modernidade, não haveria mais espaço para a religião, Deus e explicações mitológicas, ela se mantém e os indivíduos parecem ser cada vez mais religiosos, mesmo que isso não implique adesão

¹⁷ Doutorando em Ciências da Religião pela Universidade católica de Pernambuco, licenciado em Filosofia pela Universidade Federal de Alagoas.

a uma religião institucional, doutrinas e verdades universais e absolutas. (BRANDÃO, 2016, p. 58).

Segundo Brandão a estrutura sociocultural da pós-modernidade, não dá tanto poder coercitivo à religião como era antigamente, não há mais uma verdade universal, a sociedade está cada vez mais autônoma, isto afeta não somente a religião, mas a própria sociedade. “Essa estrutura pós-moderna de sociedade em um processo dialético relaciona-se com a religião, ressignificando e adequando-a a uma nova demanda sociocultural”. (BRANDÃO, 2016. p.61).

Aqui foram apresentados alguns autores que tem sua própria opinião sobre a religião, esse não é um debate recente, a religião sempre levantou indagações por parte dos cientistas, alguns com o mesmo modo de pensar, outros diferentes, mas, grande parte, que a religião é algo que faz parte da vida humana, mas que não deveria ser assim, afinal só se acredita naquilo que é manipulável.

A religião recebe muitas definições e conceitos, algumas críticas, alguns elogios, alguns questionamentos, no entanto, o que não se leva em conta é que a religião tem grande importância para a vitalidade da sociedade, isso fica nítido ao longo da história, não só do Ocidente, mas de outras sociedades, a religião faz parte da cultura, assim como a cultura faz parte da religião, ambas estão intrinsecamente ligadas, uma não sobrevive sem a outra, e a sociedade de ambas não tem vitalidade.

4- OS ELEMENTOS SECULARIZANTES NA OBRA DE CHRISTOPHER DAWSON.

Iniciemos esta discursão pela modernidade, que segundo Dawson é uma dos vilãs da história da civilização Ocidental, no entanto, podemos enxergar a modernidade com lados positivos e negativos. Positivo porque os avanços tecnológicos trouxeram avanços aos tratamentos relacionados à saúde, tornou alguns países mais desenvolvidos economicamente, diminuindo os índices de morte e de fome. Mas, por outro lado, tem seu lado negativo, principalmente relacionado às “antigas crenças”, ou seja, à religião, aos costumes e as culturas, pois há na modernidade um esforço simultâneo para “desmistificar”¹⁸ a sociedade, e isso afeta de forma brusca a história.

Christopher Henry Dawson historiador e sociólogo, nascido em 12 de outubro de 1889 na cidade Hay, País de Gales. Quando jovem estudou na escola Winchester College, e Trinity College em Oxford. Graduado em História pela Universidade de Oxford, também estudou

¹⁸ Ideia apontada por Weber em desencantamento do mundo.

Economia e Teologia. Foi membro da academia britânica, trabalhou na Universidade Harvard, como professor convidado para dar aula sobre estudos católicos Romanos. Na Universidade de Edimburgo e Universidade de Liverpool, como professor de Filosofia da Religião. Foi influenciado pelas obras de Oswald Spengler e Arnold J. Toynbee, embora sua vida de estudos tenha sido independente. Suas obras publicadas foram: A era dos deuses (1928), progresso e religião: uma investigação histórica (1929), cristianismo e a nova era (1931), a construção da Europa: uma introdução à História da unidade europeia (1932), o espírito em movimento de Oxford (1933), inquéritos sobre religião e cultura (1933), religião medieval outros ensaios (1935), religião e o Estado moderno (1936), e outros trabalhos. Dawson faleceu em 25 de Maio de 1970, aos 80 anos de idade.

Christopher Dawson foi criado na tradição do Anglicanismo e, apesar de passar por um período de ceticismo, permaneceu na igreja Anglicana até 1913, quando se converteu ao catolicismo. Em 1911, concluiu seus estudos na Universidade de Oxford e passou a se dedicar ao estudo da relação entre religião e civilização (CARVALHO, 2010, P. 02)¹⁹.

Christopher Dawson em seu livro inquéritos sobre religião e cultura, aponta a crise da cultura Ocidental, crise esta, que tem suas raízes na secularização, ou seja, no desvinculo da cultura com a religião, fruto da modernidade, sem cultura essa civilização fracassará, enfraquecerá e por fim morrerá. Dawson apresenta a busca de um resgate da vida espiritual e da organização social e econômica da cultura moderna. Uma das causas disto, foi o liberalismo, que tornou o homem mecanicamente econômico, enquanto o comunismo eliminou totalmente a religião da vida social do indivíduo.

Como afirma Anthony Giddens²⁰ ao abordar o tema da modernidade:

Os modos de vida produzidos pela modernidade nos desvencilharam de todos os tipos tradicionais de ordem social, de uma maneira que não tem precedentes, tanto em sua extencionalidade quanto em sua intencionalidade, as transformações envolvidas na modernidade são mais profundas que a maioria dos tipos de mudanças característicos dos períodos precedentes. Sobre o plano extencional, elas serviram para estabelecer formas de interconexão social que cobrem o globo; em termos intencionais, elas vieram a alterar algumas das mais íntimas e pessoais características de nossa existência cotidiana. (GIDDENS, 1991, p. 10-11).

¹⁹ CARVALHO, Tarcísio Amorim. O nascimento da Europa nas obras de Christopher Dawson e Jaques Le Goff. ANPH, Rio de Janeiro, junho de 2010.

²⁰ Sociólogo britânico, político e professor universitário, conhecido pela sua teoria sobre a estruturação, considerado como o mais importante filósofo inglês contemporâneo. ²² Ideia que tem a influência do evolucionismo social do marxismo.

Com tal afirmação Giddens (1991) está se referindo a uma “descontinuidade”²² das fases históricas, ou seja, não há uma continuidade de períodos da história, quase sempre há um rompimento de um determinado acontecimento para a iniciação de outro. Por outro lado, Giddens aponta que pode haver uma continuidade entre o tradicional e o moderno.

Segundo Giddens (1991) somente nas culturas tradicionais o passado é honrado, enquanto nas culturas modernas isto é vituperado, há indubitavelmente um contraste entre o tradicional e o moderno. Embora o tradicional permaneça em algumas sociedades, segundo o autor, há a necessidade de se adequarem às novas transformações, e de alguma forma se transformarem, porém de forma sutil, quase imperceptível.

As mudanças causadas pela modernidade são muitas, não a modernidade em si, mas os elementos que surgiram a partir da mesma, não somente no meio social e econômico, mas também no âmbito familiar, as tradições sendo deixadas de lado e surgindo novos paradigmas; paradigmas que para alguns mostra-se como algo negativo, enquanto para outros, trata-se de um avanço da civilização.

Um dos elementos responsáveis pelas transformações, é o liberalismo, que segundo Dawson teve grande influência sobre a civilização. Nos séculos XIX e XX surge no ocidente um novo modelo de civilização, ideais originados da influência política e filosófica do nacionalismo e do liberalismo. O liberalismo buscava libertar os indivíduos de tudo aquilo que privava sua liberdade, ao passo que tornava os indivíduos cada vez mais materialistas em busca apenas de interesses econômicos e materiais sob coerção do novo sistema social. Segundo Dawson:

Os pensadores liberais e os homens de Estado que construíram a civilização do século XIX consideravam a religião e a cultura fenômenos totalmente independentes. A religião pertencia inteiramente à consciência individual e nada tinha a ver com a vida social e econômica. Todavia, a secularização da cultura na Europa Ocidental do século XIX gerou o seu próprio inimigo. Ela desacreditou uma religião que não tinha poder sobre a vida social e uma cultura que não dispunha de sanções espirituais. (DAWSON, 2017, p. 22).

Para o liberalismo a religião representa uma prisão ao indivíduo, uma vez que o liberalismo representa a “liberdade”, liberdade econômica, política, religiosa e intelectual, que vai contra os poderes coercitivos. Enquanto o nacionalismo tem como ideal a liberdade e autonomia política da civilização, ambos conviviam em um mesmo espaço, especificamente do século XIX ao XX.

O liberalismo pregava a liberdade econômica e social, enquanto interpenetravam os

indivíduos em um mar industrial, tornando-os mecanicamente econômicos, trabalhando apenas em prol da “massa”, ou seja, pensando apenas no bem-estar das indústrias comerciais, um sistema que “transcende as fronteiras políticas” e tornam todos dependentes dos demais para satisfazerem suas necessidades materiais.

Conforme aponta Dawson, trata-se de uma “civilização de massa”, ou seja, um agregado econômico, fruto da concentração populacional onde, no entanto, estes indivíduos não mantêm relação pessoal uns com os outros, mas, apenas comercial, o que implica diretamente na forma de se relacionarem, tornando-os indivíduos frios e antissociais. desta forma, indivíduos mecanicamente econômicos e materialistas.

Anteriormente o ideal de cultura era intelectualmente entendido como uma oportunidade de libertar-se dos valores apenas econômicos, porém, isto mudou, a chegada da modernidade, descartou a cultura intelectual e entregou-se ao bem-estar material, como afirma Dawson:

O propósito da civilização já não reside na cultura intelectual, e sim no bem-estar material; nem se limita a uma única classe, pois passou a ser objetivo comum de todos os membros da sociedade. As funções econômicas já não são desprezadas; na verdade, são funções não econômicas que correm perigo de ser negligenciadas, uma vez que não oferecem recompensas materiais nem exibem o halo de prestígio social. É verdade que para o homem comum a vida ficou muito mais prazerosa e rica em oportunidades do que jamais foi. (DAWSON, 2017, p.33-34).

Como consequência disto, o indivíduo perdia sua independência espiritual, embora que de forma inconsciente, os seres humanos interpenetravam cada vez mais fundo nas regras e condições de uma vida material.

Contudo, há alguns autores que discordam deste lado obscuro do liberalismo, segundo o instituto Friedrich Naumann²¹, pouco há no cenário político que possa indicar uma tradição intelectual tão imprescindível quanto a do liberalismo, pois os maiores intelectos do Ocidente se uniram tendo em larga medida a liberdade antiga e medieval.

Apesar de o liberalismo ter surgido por volta do século XVII a XIX, a concepção de liberdade só foi formulada de maneira coerente ao decorrer de 300 anos como fundamento de um sistema político. “O liberalismo, assim, é, simultaneamente, a incorporação do melhor que a tradição Ocidental produziu, e do melhor que a modernidade representa”. (NAUMANN, 2009, p. 11).

Naumann (2009) apresenta dois grandes pensadores do liberalismo, Adam Smith que

²¹ Leituras sobre o liberalismo, 2º edição (revisada e ampliada) Rainer Erkens e Detmar Doering (org), São Paulo: Instituto Friedrich Naumann. p. 116, Junho de 2009. ²⁴ Encontra-se em Manifesto Comunista (1999).

ficou conhecido como o pai do liberalismo econômico, e John Locke que ficou conhecido como o fundador do liberalismo político. Como afirma DOERING. D; ERKENS, R ao citar Naumann:

Adam Smith (1723-1790). Embora fosse professor de filosofia em Edinburgh, é ele o verdadeiro fundador da economia nacional moderna. Já em sua principal obra filosófica, “Theory of moral sentiments”, que é um dos clássicos da escola escocesa da filosofia moral do século XVIII, ele tentava basear seus sistemas éticos na observação da natureza humana, sendo que aqui era atribuído um grande peso sobretudo ao valor da simpatia. Em sua obra econômica revolucionária “the wealth of nations” acompanha entre outros um ponto de partida semelhante, porém, parte principalmente dos esforços do homem por utilidade econômica.
 [...] O filósofo inglês John Locke (1632-1704) é considerado por muitos historiadores o verdadeiro pai do liberalismo. Sua filosofia política baseia-se na ideia de um contrato social firmado com o objetivo de proteger direitos individuais e propriedade individual. Com esta filosofia, inspirou principalmente o texto da Declaração de Independência americana. Além disso, foi um defensor da tolerância religiosa numa época em que isto era ainda a exceção. (DOERING. D; ERKENS, R., 2009, p. 27 e 41).

De acordo com Dawson, a civilização de massa só atingirá um alto grau da cultura se deixar de secularizar-se, ou seja, uma cultura só existirá com êxito se houver uma subordinação religiosa, sem, no entanto, torna-se escravo ou “autômato”.

Segundo Marx e Engels²⁴, toda sociedade passa por conflitos de classes, de partidos, por conquistas e fracassos e passa por transformações sociais e econômicas, e não podemos negar que a religião se encontra no meio de todas essas mudanças e conflitos, o que consequentemente resulta em última instância no avançar ou regredir da religião.

A história de todas as sociedades que existiram até nossos dias tem sido a história das lutas de classes. Homem livre e escravo, patrício e plebeu, barão e servo, mestre de corporação e companheiro, numa palavra, opressores e oprimidos, em constante oposição, têm vivido numa guerra ininterrupta, ora franca, ora disfarçada: uma guerra que terminou sempre, ou por uma transformação revolucionária, da sociedade inteira, ou pela destruição das duas classes em luta. Nas primeiras épocas históricas, verificamos, quase por toda parte, uma completa divisão da sociedade em classes distintas, uma escala graduada de condições sociais. Na Roma antiga encontramos patrícios, cavaleiros, plebeus, escravos; na idade Média, senhores, vassallos, mestres, companheiros, servos; e, em quase que em cada uma dessas classes, novas divisões hierárquicas. (MARX e ENGELS, 1999, p. 07).

Todas essas mudanças ao longo do tempo causaram avanços em algumas áreas, enquanto outras declinaram. Na modernidade, por exemplo, podemos perceber traços de mudanças que ocorreram ao longo de séculos na cultura e na religião, que segundo Dawson, não foram mudanças benéficas. Por outro lado, temos os avanços tecnológicos, sociais, econômicos

e políticos que para alguns indivíduos, é algo extraordinário, talvez por ignorância ou por otimismo.

Após a segunda guerra mundial o mundo moderno enfrenta uma crise que não se trata de uma crise apenas econômica, mas cultural e espiritual no Ocidente, e se alastra para outros continentes, nestes ocorre de forma diferente, problema este que muitos encaram apenas como uma crise econômica passageira, em que políticos e economistas tentam solucionar. Antes que se resolva o problema é preciso voltar à raiz dos acontecidos, às formas tradicionais, sociais e políticas, a solução deve ser encontrada individualmente, não há uma fórmula secreta que faça tudo passar rapidamente, é um processo longo e gradual.

Isso fica evidente na Inglaterra que diferentemente de outros países, mostra-se peculiar no quesito cultura, comércio e finanças, mantêm traços ainda tradicionais, embora, o desenvolvimento de sua cultura tenha sido interrompido pela conquista normanda, reféns de uma cultura totalmente diferente da sua. Somente no século XIV que a Inglaterra conquistou sua cultura e características individuais, e tornou-se influenciável.

A Inglaterra passou a ser então a protegida da Europa, longe de ameaças exteriores, portanto não havia necessidade de um sistema burocrático, de um exército para lhe proteger. A cultura não estava presente apenas no meio urbano, mas também no meio rural, onde também surgia um novo modelo de civilização, uma civilização voltada aos princípios familiares. A Inglaterra foi a única a permanecer firme enquanto os outros Estados tinham suas estruturas abaladas pela desordem. A Inglaterra tem uma ligação continua entre passado, presente e futuro, e construiu seu legado de baixo para cima, ou seja, não se desvincula do passado, portanto permanece firme, vinculada ainda à religião e cultura, ao passo que a Europa Ocidental, por exemplo, vivia uma desordem religiosa e cultural, social e econômica.

Essas características tinham suas raízes na idade média, muito antes da reforma a sociedade inglesa começou a adquirir o seu típico aspecto rural. O vilarejo inglês, com sua casa grande pacífica e a sua igreja paroquial ricamente adornada, já era muito diferente do ambiente rural permanentemente atormentada por guerras e envolta pelas muralhas dos castelos na França e na Alemanha. Porém, foi apenas nos séculos que se seguiram à renascença que a sociedade inglesa começou a dar frutos em estilo e cultura igualmente distintos. (DAWSON, 2017, p.63).

Então a tradição inglesa inicia uma nova etapa em sua história, ela passa de puramente rural a urbana, a Inglaterra passa de agrária a industrial, isto ocorre após o período georgiano, o centro gravitacional inglês passa de uma dominação da casa grande e da família para dominação industrial, aquela Inglaterra que se dividia em duas, entre setor rural e urbano, torna-se uma só, isto é, urbana, contudo, suas raízes religiosas e culturais permanecem. Porém, após a chegada

do século XX, somente os trabalhadores rurais carregam algumas tradições do passado, com a modernidade e o crescimento da área urbana o homem passa a ter outros interesses, interesses individuais, e aí surge o que Dawson chama de ethos antidoméstico, que está arraigado ao “divórcio, controle da natalidade, a procura da satisfação de todas as necessidades vitais na sociedade exterior” (DAWSON, 2017).

Portanto, como consequência disto, a Inglaterra, aquela que se matinha firme nos séculos XVIII e XIX, agora estava à beira de um colapso cultural e social, uma crise econômica que abalou toda a estrutura da Inglaterra, semelhante ao que havia ocorrido com Roma anterior a renascença, e a única maneira de se recuperar desta devastadora crise, seria reconciliar-se ao antigo modelo agrário e abandonar o fatalismo econômico, e se dar conta de que o maior bem de toda sociedade é sua cultura e não o mecanismo industrial.

Nenhuma civilização até agora foi capaz de resistir aos efeitos destrutivos da centralização urbana burocrática. Já foi dito que a cidade grande é o tumulto da cultura, e da mesma forma a substituição de uma atividade espontânea por uma burocracia centralizada da vida social normalmente envolve um processo de ossificação e a decadência senil de todo organismo social. (DAWSON, 2017, P.71).

Diante disto torna-se quase impossível fugir dos efeitos nocivos da modernização das zonas rurais, e, portanto, da cultura, deixando para traz aquilo que parece atrasar seu progresso, e neste meio está a religião, e talvez seja este o motivo da perda da vitalidade daquelas sociedades que deixam corromper-se com o progresso avassalador, não se trata apenas do efeito da crise econômica e política, mas está para além disto, o problema é bem mais complexo e inesperado. A solução para o problema da Inglaterra só será resolvida quando deixarem de lado o fatalismo econômico e valorizar seu patrimônio cultural que é o que realmente deve importar.

A cultura do Ocidente²² é a atmosfera mental e emocional que há muito tempo respiramos. Trata-se do ambiente que determina nosso modo de vida, assim como determinou o modo de vida de nossos antepassados. Portanto, não a conhecemos por meros meios documentais e arqueológicos, mas por causa de nossas próprias experiências, como afirma Dawson:

Logo, qualquer estudo sobre religião que ignore a experiência interna de nosso passado cristão, contentando-se em se fixar, exclusivamente, nas remotas e parcialmente incompreensíveis evidências derivadas do estudo de outras tradições religiosas, ou mesmo valendo-se somente de noções abstratas sobre a natureza da religião e das condições para conhecimento religioso, estará fadado ao a se tornar incompleto, pueril e irreal. (DAWSON, 2016, P. 33-34).

²² Dawson em seu livro “Criação do Ocidente” aponta a importância da cultura e da religião Ocidental e de não as perder.

Destarte, religião e cultura estiveram presentes desde a fundação do mundo, cada sociedade, cada indivíduo carrega em si um legado que lhes é passado de geração a geração, anos após anos, é o que determina o modo de vida de uma sociedade, portanto, não deveria haver a secularização de algo que fora tão importante à sociedade, e de certo modo, não há essa secularização, não enquanto houver pessoas que guardem mesmo que no seu subconsciente o verdadeiro significado de religião. Para tanto, deve-se conhecer a base que rege toda sociedade, sem pré-conceitos, sem pré-noções.

Conforme Berger (2017), precisa haver um equilíbrio entre os religiosos e os seculares para que o mundo não entre em colapso:

Compreendo agora mais plenamente a realidade global do discurso secular, não só na Europa e nas associações do corpo docente em todo o mundo, mas também na vida de muitos crentes comuns que conseguem ser tanto seculares quanto religiosos. Eu diria que são estas pessoas que realizam o ato de equilíbrio cognitivo prototípico da modernidade, e com este ato modificam a forte dicotomia entre os teóricos da secularização e aqueles que anunciam “o retorno dos deuses”. (BERGER, 2017, p. 118).

As grandes religiões do mundo são como caudalosos rios de tradição sagrada, avançando sobre as eras e percorrendo diferentes cenários históricos, irrigados e fertilizados. Em geral, não podemos traçar sua nascente, que está perdida nos remotíssimos e inacessíveis veios de um passado que há muito se foi.

De fato, é um tanto quanto raro encontrar uma cultura na qual seja possível observar todo o curso de seu desenvolvimento religioso, historicamente mapeado desde sua origem até o seu final, ou seja, onde todo o percurso esteja iluminado. (DAWSON, 2016, P. 33-34).

Nesse sentido, a relação entre religião e cultura já não interessa a massa de estudiosos, mas, somente as minorias. Boa parte da história está sendo usada para fins políticos e sociais como uma forma de alterar a vida e as ações da humanidade. No entanto, essas novas ideologias e políticas da história não amenizaram a fé histórica, a cultura contemporânea seja esta religiosa ou secular, necessita de uma interpretação partindo de preceitos sociais e espirituais.

Seria uma estranha fatalidade se a revolução por meio da qual a cultura ocidental subjugou a natureza aos seus propósitos terminasse com a perda da própria liberdade espiritual da cultura, mas isso pode muito bem acontecer caso um crescente controle técnico do Estado sobre a vida e o pensamento de seus membros coincida com o declínio qualitativo dos padrões da cultura. No sentido moderno da expressão, uma ideologia é algo muito diferente da fé, embora se destine a cumprir as mesmas funções sociológicas [...] portanto, se estudarmos a cultura como um todo, descobriremos que

existe uma relação íntima entre fé religiosa e realização social. (DAWSON, 2016, p. 37).

Segundo Dawson é muito difícil para mentalidades modernas se adentrar neste mundo da imaginação cristã presente desde as primeiras histórias dos santos. Com a ascensão do movimento científico moderno do século XVIII, tem se observado que os sociólogos e historiadores da cultura tem “negligenciado” o estudo da religião em seus aspectos sociais fundamentais. (DAWSON, 2017)

Isto como podemos perceber é resultado direto do progresso rumando cada vez mais ao materialismo. Durante os séculos XVIII e XIX o mundo cultural era secular e autônomo o qual o progresso nada se devia às religiões autoritárias existentes, mas dava as condições necessárias para que ocorresse a revolução intelectual, política e econômica, no entanto, esta ocorreria de forma transitória e impermanente.

Dawson (2017) destaca que a secularização inicia um novo momento na História da Humanidade. As religiões deixam de ser o centro de poder e o conhecimento científico toma o seu lugar no destino das nações, ao passo que busca o poder das massas, um bem comum, pois o poder conferido aos homens que até outrora governava era dado por Deus.

Diz-se frequentemente que o cristianismo está fora do contato com a vida e que já não satisfaz as necessidades do mundo moderno. Essas críticas são sintomáticas de uma mudança geral de atitude em relação aos problemas religiosos. Hoje as pessoas estão menos interessadas nas assunções teológicas e metafísicas da religião que nos seus resultados práticos. Elas estão ainda preocupadas não tanto com a verdade da doutrina cristã quanto com o valor do modo de vida cristão. A ética cristã, ainda mais que o dogma cristão, tornou-se o principal objeto de ataque. [...] Os ataques mais violentos à religião vêm dos mais ansiosos em mudar o mundo, que atacam o cristianismo porque pensam que ele é uma força obstrutiva de uma reforma verdadeira da vida humana. Raramente houve uma época em que os homens estivessem mais insatisfeitos com a vida e mais conscientes da necessidade da salvação, e se eles se afastam do cristianismo é porque sentem que este está a serviço da ordem estabelecida e não tem poder real ou desejo de mudar o mundo e resgatá-los de suas dificuldades presentes. Eles perderam a fé nas antigas tradições espirituais que inspiraram a civilização no passado e tendem a procurar a solução em algum remédio prático externo, como o comunismo, ou a organização científica da vida; alguma coisa definitiva e objetiva que possa ser aplicada à sociedade como um todo. (DAWSON, 2016, p. 317-318).

Dawson (2016) afirma que a vitalidade da vida espiritual seja esta do indivíduo ou da sociedade, é o centro e essência da questão religiosa, pois a religião não é filosofia, nem ciência e nem ética, mas é a comunhão com o divino, é o que liga o mundo dos homens à Deus. Se o progresso está relacionado ao desaparecimento da religião, e assim da história cultural e tradicional de um povo, resultante de uma modernidade totalmente materialista, significa dizer

que a sociedade está perdendo sua vitalidade, pois o desaparecimento da religião não significa exatamente o progresso, mas, um indício de fracasso e decadência social.

CONCLUSÃO.

Religião, uma palavra pequena, mas, composta por um significado gigantesco, um significado simbólico, sobrenatural, pragmático, porém, mais importante que compreender seu significado é compreender sua história, as problemáticas que a envolvem enquanto instituição religiosa, enquanto marco cultural e sua importância para toda e qualquer civilização, em especial a civilização ocidental. Esse é o objetivo de Christopher Dawson, nos apresentar um olhar diferenciado acerca da religião, de sua importância e, sobretudo, derrubar a barreira evolucionista e racionalista que os impede de olhar por um viés analítico, imparcial, ao invés de um olhar preconceituoso e carregado de ideologias iluministas. São por esses e outros motivos que se faz tão necessário compreendermos a história da religião, ao invés de apenas reproduzir um discurso de senso comum, de que religião se trata apenas da crença em um poder sobrenatural, além disso, pouco se sabe sobre sua trajetória.

Dawson afirma que só podemos compreender a história cultural de uma sociedade quando analisamos sua religiosidade (suas crenças, suas ideologias, valores, costumes), portanto, Dawson nos leva à uma viagem pela linha do tempo pela história da civilização Ocidental, na qual, a religião (cristianismo) esteve fortemente presente e passou a ser parte relevante para o Ocidente no ano de 313 com Constantino e em 391 tornou-se a religião oficial de Roma.

Porém, após séculos no poder, a religião (cristianismo) é abalada por um poder radical, o Iluminismo e a revolução francesa (1789), que tem por objetivo “desmistificar” o mundo, tirar a venda dos olhos do homem que o impede de “progredir”, apontando a religião como entrave, um atraso aos ideais de “progresso”, oferecendo ao homem liberdade e garantindo seus direitos de cidadão. Desta forma, arrasta multidões de seguidores fiéis. A revolução francesa por sua vez, finda o antigo regime e inaugura a modernidade, então a modernidade ascende e com ela um problema que tem se intensificado ao longo dos anos, a secularização. O que inicialmente parecia inofensiva para a religião, logo mostrou-se forte o suficiente quando desencadeou uma crise no setor feudal que até então representava o “Estado” enquanto poder político, o poder então passa para o modo capitalista.

A secularização passa a ser um problema para a religião, os elementos responsáveis por isso são: a revolução francesa, o iluminismo, a ascensão da modernidade, o nacionalismo, os avanços tecnológicos e os avanços das ciências. Estes surgem como os “salvadores” da humanidade, aqueles que tiraram a venda dos olhos do homem, permitindo-o agora ser livre.

A religião pode ter perdido parte do seu poder coercitivo com isso, mas, ainda está presente, embora, que isoladamente, seu avanço tem sido constante, ao contrário do que se pensa na pós-modernidade, a religião não está caindo no esquecimento, após a reforma protestante, a religião volta com todo vigor, e com isso o pluralismo religioso tem se intensificado cada vez mais. Porém, segundo Dawson a civilização só atingirá o ápice de sua cultura, se não deixar-se secularizar, ou seja, se ainda houver uma subordinação religiosa, afinal, embora cultura e religião sejam distintas uma da outra, uma depende da outra para existir, isso fica evidente quando analisamos a cultura de determinadas sociedades em que em todas está presente a religião, seja ela cristã ou não, da mesma forma, se formos analisar a religião de uma determinada sociedade lá estará presente dentro de sua cultura.

REFERENCIAS

ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação**. 10. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

BRANDÃO, Sebastião Hugo. **Religião na pós modernidade** in: Ciências da Religião: história e sociedade, São Paulo. v. 14, n.1, p. 56-72. janeiro/junho, 2016.

BALEEIRO, Cleber Araújo Souto. Secularização do Ocidente e retorno do religioso: considerações de Gianni Vattimo a um problema epistemológico atual. **Revista eletrônica correlativo**, n. 13, Junho de 2008.

BERGER, Peter. **A Dessecularização do Mundo: uma visão global**. In. Religião e sociedade. Rio de Janeiro: n. 21/1, 2000, p. 9-23.

BERGER, Peter. **Os múltiplos altares da modernidade**, rumo a um paradigma da religião numa época pluralista. Editora Vozes Petrópolis, Rio de Janeiro, 2017.

CARVALHO, Tarcísio Amorim. O nascimento da Europa nas obras de Christopher Dawson e Jacques Le Goff. **Revista ANPUH** (associação nacional de história). Rio de Janeiro, 2010.

CASTOLDI, Ticiano Saulo Scavazza. Trabalho monográfico: **A igreja que conquistou um império: História da ascensão do Cristianismo no Império Romano**. In: O desenvolvimento da religiosidade. Cristianismo primitivo. Mundo Pós-Constantino. p. 95. Lajeado-RS, 2014.

DAMIÃO, Valdemir. **História das Religiões: sua influência na formação da humanidade**. 1º edição, Casa publicadora das assembleias de Deus, Rio de Janeiro, 2003.

DAWSON, Christopher, 1889-1970. **Inquéritos Sobre Religião e Cultura**. 1. ed. São Paulo: p. 380. É realizações Editora, 2017.

DAWSON, Christopher, 1889-1970. **Criação do Ocidente: a Religião e a Civilização Medieval**. 1. ed. – São Paulo: p. 296. É realizações Editora, 2016.

DELUMEAU, Jean. **A Presença da Morte e o Sentimento de Culpabilidade**. In. Nascimento e afirmação da reforma. São Paulo: v. 30, p. 384. Pioneira, 1989.

DOERING, Detmar; ERKENS, Rainer. **Leituras Sobre o Liberalismo**. Centro de Estudos Políticos e Sociais, 2009.

FIGUEIREDO, Nestor. Sobre a Definição de Religião: historiografia, críticas e possibilidades. **Rever**, São Paulo. v.19. n.2. Maio/Agosto 2019.

KRITSCH, Raquel. Rumo ao Estado Moderno: as raízes medievais de alguns de seus elementos formadores. **Revista de Sociologia e Política**; Curitiba, 23, p.103-114, novembro, 2004.

ERKENS, Rainer e DOERING, Detmar. **Leituras sobre o liberalismo**, 2º edição (revisada e ampliada) (org), São Paulo: Instituto Friedrich Naumann. p. 116, Junho de 2009.

MARX E ENGELS. **Manifesto Comunista**. Edição eletrônica: ed. Ridendo Castigat Moraes. Rocket Edition de 1999.

MONTE, Tânia Maria de Carvalho. A religiosidade e sua função social. **Revista inter-legere**, n. 05, reflexões. p. 260. 2009. Disponível em: <googleacadêmico> Acessado em: 25 de setembro de 2019.

PROCESSO DE SECULARIZAÇÃO DA SOCIEDADE. PUC-Rio-certificação digital n° 1211250/CA. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc.rio.br/273002/27303-3.PDF>> Acessado em: 18 de Setembro de 2019.

ROCHA, Sousa Luis e ROCHA, Paula. A Propósito da Secularização e das Metamorfoses de um Mundo Reencantado. **E-cadernos CES** (online): p. 83-111. Editora centro de Estudos Sociais da universidade de Coimbra 13/2011.

STIGAR, Robson. A Concepção de Religião para Max Weber: um olhar a partir da Ciência da religião. **Revista Kerygma**, v.11 n.2, p. 167-174. São Paulo, 2015.

SALINAS FORTES, Luiz Roberto. **O Iluminismo e os Reis Filósofos**. p.07-90. 5° ed. Editora brasiliense 1987.

THOMAS, Woods Jr. **A Igreja Indispensável**. In: como a igreja católica construiu a civilização ocidental. 8° ed. São Paulo: Editora quadrante, 2014.

VEYNE, Paul. **O Salvador da Humanidade**: Constantino quando o nosso mundo se tornou cristão. In. Quando nosso mundo se tornou cristão. p. 09-279. 1° ed. Editora civilização brasileira, Rio de Janeiro 2010.

WEISS, Raquel. Durkheim e as Formas Elementares da Vida Religiosa. **Debates do NER**, Porto Alegre, ano 13, n. 22, p. 95-119, Junho/Dezembro 2012.